

Da superação

VILEM FLUSSER

112-04

Superar obstáculos, superar metas, superar-se a si mesmo: como isto é belo!; e coisas superadas, ideias superadas, pessoas superadas: como isto é triste! A exclamação que acabo de articular pretende ser ironica e procura mostrar o preconceito que fundamenta a valorização da superação. Mas ao relê-la vejo que muitos poderão tomá-la por sincera. A sensação do comico e ridiculo de um processo que consiste de sapos que saltam uns por cima dos outros está se perdendo. A nossa ética ameaça degenerar em ética de sapos. O proposito do presente artigo é procurar recaptar a sensação da comicidade do pulo. (Do grande salto para frente, como se diz na China).

A transformação da humanidade em sapos (ou gafanhotos) tem o seu inicio no romantismo. Embora não sejam muito românticos nem sapos nem gafanhotos, poderiam ser escolhidos como animais heraldicos do pensamento historicista que é o pensamento do romantismo. Um dos responsaveis pelo fato é Hegel. Para esse professor universitario (portanto ser eminentemente sedentario), a realidade se processa por saltos. Mas como Hegel pensa em alemão, devemos procurar intuir a sua visão nessa lingua. O termo que usa é "aufheben", cuja tradução por "superar" é totalmente inadequada. Vejamos como se dão os saltos da realidade (ou como se diz mais elegantemente: a "dialectica"), de acordo com Hegel.

Algo é dado. Chamemos esse dado de "idéia". Esse dado tem uma tensão interna. A tensão é logica, e tem a seguinte forma: Ser-Nada-Devir. O ser é a tese, o nada a sua antítese, o devir a síntese de ambos. Essa tensão interna se exterioriza. O saltos dessa exteriorização são a natureza inorganica, organica, o espirito individual e subjetivo, e finalmente o espirito superindividual e objetivo. Assim, pela serie de saltos, volta a ideia, totalmente desenvolvida, para si mesma. O espirito objetivo tem as formas do direito, da moral, da familia, da sociedade, do estado. E repousará finalmente dos seus saltos como espirito absoluto nas formas da arte, religião e filosofia. Como se dão os saltos? O que foi posto pela tese é negado pela antítese, e esta negação é novamente negada pela síntese, a qual repõe portanto o posto, mas agora num nível mais elevado. E' isto que o termo "aufheben" significa. A antítese nega e cancela a tese, e "aufheben" significa cancelamento. A síntese recupera e guarda a tese, e "aufheben" significa guardar e preservar. E a síntese eleva a tese para novo nível, e "aufheben" significa elevar. E assim, de acordo com Hegel,

nha morte. A unica superação interessante para mim seria a superação da minha morte. Se esta não fôr possivel, todas as demais superações apenas representarão pulinhos em direção da minha morte. Todo pulinho individual terá este e somente este significado: demandar a morte. Se arranco a superação do tempo majestoso e fantasista de Hegel e se insiro a superação no tempo dramaticamente ilimitado da minha existencia, vejo o ridiculo desse conceito. Deshistoricizando o meu pensamento, readquiro a ironia ante o modelo hegeliano.

E' claro que posso tentar salvar a superação e seus valores. Posso dizer o seguinte: embora os pulinhos que estou dando não consigam saltar por cima da minha morte, não são ridiculamente absurdos. Propelem os outros que estão aqui comigo. Graças a estes meus pulinhos os outros que estarão aqui depois da minha morte começarão a pular a partir de pontos mais elevados. Essa elevação do inicio dos saltos dos posteriores não seria, de certa forma, uma superação da minha morte? Não será esta a finalidade da minha vida: servir de plataforma para os posteriores? Mas qual, neste caso, o significado e a finalidade da vida dos meus posteriores? Servir, por sua vez, de plataformas? Os pulinhos, de postero em postero, reforçam e não mitigam, o senso de comicidade. Não creio que desta forma o modelo possa ser salvo.

Mas, dito tudo isto, surge a pergunta: que posso fazer a não ser dar os meus pulinhos? Creio que a resposta é óbvia, e é esta: ou salto, ou me mato. E, a rigor, se me mato, não estou acaso também dando um salto? Um salto que será diferente dos demais apenas por ter sido o derradeiro? Parece, pois, que pelo simples fato de não me matar provo existencialmente que aderi á superação como valor positivo. Este argumento é forte. Diz, reformulado: o fato de não me ter matado prova o meu empenho num sentido hegeliano. Mas, a despeito de forte, sinto que o argumento é capcioso. Procurarei articular a mentira que se esconde no argumento.

Se não me mato, estarei realmente afirmando a realidade no sentido que filósofos do tipo hegeliano dão a este termo? O problema articulado pela pergunta "por que não me mato?" é muito mais complexo. Certamente uma das minhas razões é negativa: o medo da dor e da morte. Uma outra razão será certamente a comodidade e o apego ao familiar e conhecido. Uma terceira razão será talvez efetivamente um empenho no sentido hegeliano. Mas creio que além o

que a realidade se processa: pela negação, pela preservação e pela elevação de si mesma. Os termos "desenvolvimento" e "superação" procuram traduzir essa visão alemã para a língua portuguesa o melhor que podem.

É fácil visualizar essa filosofia. Um dos contos do barão de Muenchhausen fornece a imagem apropriada. Quando afunda num pantano, consegue arrancar-se pelos cabelos. Muenchhausen supera o pantano, superando-se a si mesmo. O conto, ao ser narrado, provocava risada. Mas é iluminista. Os cavalheiros de cabeleiras postiça achavam graça na tentativa de arrancar-se a si mesmo pelos cabelos. Quando Hegel escreve a sua "muenchhausiada", já não há perucas. Hegel é lido com seriedade. Atualmente reaparecem perucas. Pelo menos femininas. Talvez seja possível, atualmente, "superar" a superação hegeliana?

Por que foi lido e está sendo lido Hegel com seriedade? E por que acredito que devemos tentar "superá-lo"? Procurarei responder a essas duas perguntas. A fantasia hegeliana é um modelo do mundo. Explica tudo. Como surgiu a natureza? Leia Hegel e saberão: como exteriorização, como "estar fora de si", da ideia do mundo. Como se processa a história da humanidade? Leia Hegel e saberão: como tensão dialéctica de tendências opostas. Para onde se dirige essa história? Leia Hegel e saberão: para o espírito absoluto. Como devo agir neste mundo no qual me encontro? Leia Hegel e saberão: devo empenhar-me na tendência ascendente, na "progressiva", da história da humanidade. Qual é a finalidade e o sentido da minha vida? Leia Hegel e saberão: participar dos pulos da realidade. E se não pulo, se me recuso a ser sapo? Leia Hegel e saberão: estarei "alienado" da realidade, serei uma espécie de louco. Em suma, o que Hegel diz é o seguinte: Meu modelo explica tudo, e quem não adere a ele está louco.

Creio que respondi às duas perguntas. Hegel (e todos os demais filósofos da superação) é lido com seriedade, porque evita a dúvida existencial que roi as nossas entranhas. Evita que encaremos o absurdo fundamental das nossas ações e paixões, e o horizonte abismal dos nossos conhecimentos e dos nossos valores. E deve ser "superado", porque é apenas no confronto com o abismo dentro de nós e ao nosso redor que podemos encontrar-nos. E nesse confronto readquirimos a sensação do ridículo de explicações como a hegeliana.

O termo "superação" mascara o problema existencial pela desexistencialização do tempo. Os saltos da realidade se processam dentro de um tempo que não me interessa. O desenvolvimento do espírito por séries de superações de si mesmo é algo que não me toca. O meu tempo é outro. É limitado, rigidamente e absurdamente, pelo meu nascimento e pela mi-

tras. Mas creio que além e acima de todas essas razões há uma totalmente diferente. É a minha recusa absurda e temerária em aceitar a morte como meta. Esta recusa não é sintoma de um empenho na realidade como processo de superações paulatinas. É pelo contrário sintoma de uma fé absurda que tenho em outro tipo, totalmente diferente, de realidade. Em uma realidade em cujo contexto o termo "superação" carece de significado.

Admito que a minha articulação do problema é falha e hesitante. Mas sei isto: é preciso "superar" o conceito da superação para abrir-se para essa curiosa realidade da qual estou falando. O modelo hegeliano, como, aliás, todos os modelos, encobre essa realidade inarticulável com a sua conversa fiada. Faz de conta que não existe. E consegue fazê-lo, porque dá à vida humana metas e significados substitutivos. Mas creio que, se conseguirmos alcançar uma distância irônica do modelo, poderemos ver como é óco e transparente esse modelo, e como são cómicos e ridículos os valores que propõe.

Alcançar essa distância irônica não é fácil. O modelo hegeliano, e outros equivalentes, dominam a cena da nossa conversação e leitura. Autenticamente, podemos começar a distanciar-nos apenas na solidão do ensinamento. E o distanciamento é ainda dificultado pela conversa fiada das teologias tradicionais "superadas dialécticamente". O presente artigo não tem pois a pretensão absurda de querer mostrar uma saída. Pretende apenas mostrar o aspecto cómico da situação da quale que não procura saída.

Stendhal na URSS

Durante o congresso mundial sobre a obra de Stendhal, realizado em Paris, em outubro, sob o patrocínio da UNESCO, a sra. Kotchekova, professora da Universidade de Riga, informou que ascende a 21 milhões de exemplares o número de obras do autor vendidas na União Soviética.

Ilya Ehrenbourg, escritor soviético, de passagem em Paris na ocasião, explicando este interesse, declarou: "Stendhal, mesmo não sendo um escritor marxista, na sua época empenhou-se num combate por todas as liberdades e seus escritos defendem os valores caros aos homens de hoje".

Além das numerosas pequenas contribuições sobre a obra stendhaliana trazidas pelos eruditos, o congresso serviu principalmente para "provar a repercussão da obra do criador de Julien Sorel junto aos jovens de hoje, como mestre da liberdade e da verdade, um apresentador de idéias e um modelo de domínio de si mesmo, desprovido de vaidade", segundo conclui o jornal "La Monde".